MUSEU CASA DA HERA



MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/IPHAN
6ª COORDENAÇÃO REGIONAL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

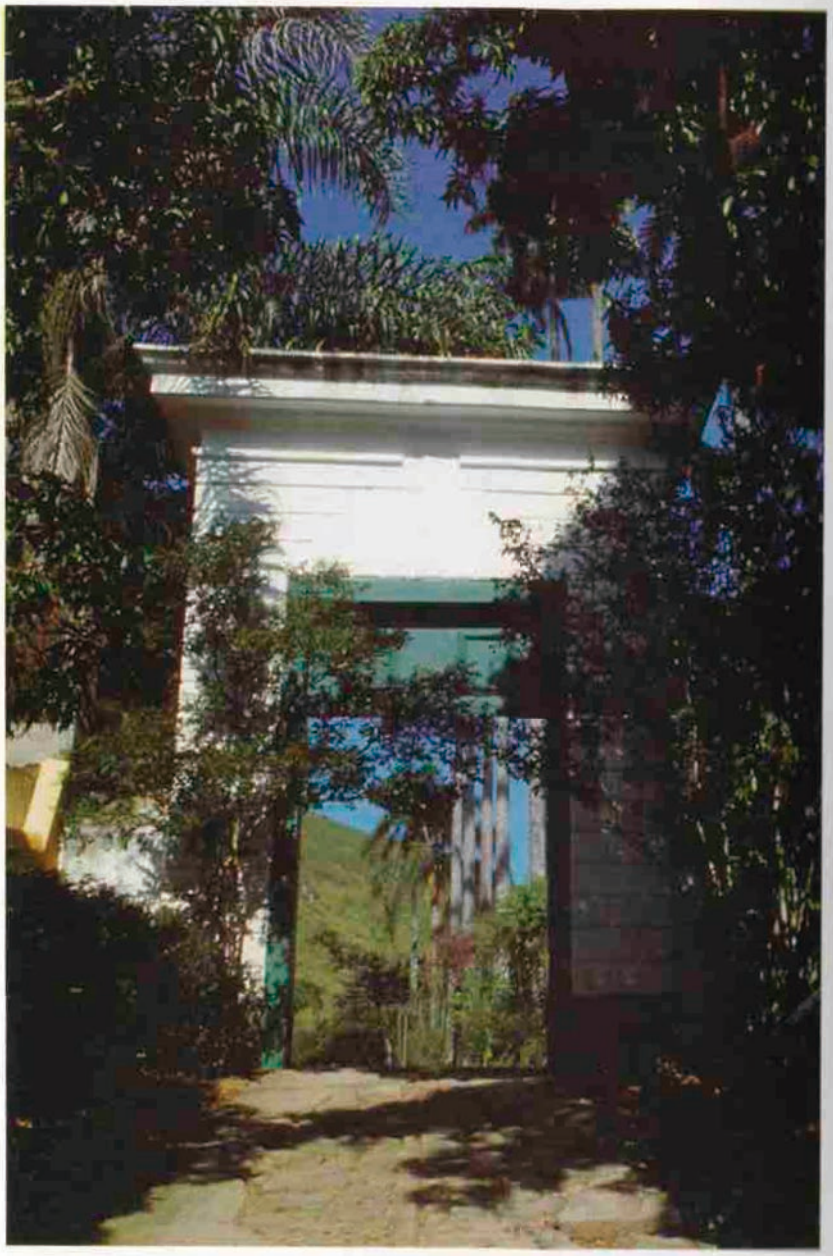
MINISTRO DA CULTURA
FRANCISCO WEFFORT

PRESIDENTE DO IPHAN
GLAUCO DE OLIVEIRA CAMPELLO

DIRETORA DO DEPARTAMENTO
DE PROMOÇÃO
JUREMA KOPKE EIS ARNAUT

COORDENADOR DA 6ª CR
CYRO ILLIDIO CORRÊA DE
OLIVEIRA LYRA

RESPONSÁVEL PELO MUSEU
CASA DA HERA
ISABEL ROCHA FERREIRA



APOIO CULTURAL:

SENAI - DEPARTAMENTO
REGIONAL - RJ

APRESENTAÇÃO

As ações de proteção, restauração, conservação, manutenção, agenciamento e dinamização do Museu Casa da Hera, iniciadas em 1952 com o ato do seu tombamento como PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, são agora complementadas pela edição deste Guia.
Com sua ajuda poderá o visitante conhecer melhor a história de um lugar que - tão raro o fato -, mesmo fechado décadas a fio, foi zelosamente mantido, por seu guardião, Manoel da Silva Rabelo, guardando em seu interior lembranças intactas do cotidiano de uma família brasileira abastada da segunda metade do Oitocentos.
Móveis, quadros a óleo, vestimentas, utensílios domésticos, livros e periódicos formam um acervo único no Brasil, pela sua abrangência e integridade.
E sobretudo por sua interação com a arquitetura.
O romantismo de fim de século impregna o lugar e se expressa através de suas múltiplas vestes: do guarda-roupa da alta-costura parisiense aos ambientes revestidos de papel e até as fachadas que, em 1887, Rabelo cobriu de hera.
Neste Guia, resultado de um trabalho de equipe - da 6ª Coordenação Regional do IPHAN -, merece ressaltar o brilho e a graça do texto, assinado por aquela que melhor conhece a Casa, pelos muitos anos em que esteve à frente do Museu. Evitando a prosa maçante dos costumeiros guias, Ely Gonçalves conseguiu, por obra do seu talento e sensibilidade, transmitir em palavras o encantamento dessa casa vestida de hera.

CYRO ILLIDIO CORRÊA DE OLIVEIRA LYRA
6ª CR/IPHAN



INTRODUÇÃO

Estamos no início do século XIX, em tempo de novos tempos. Nas Minas Gerais as lavras se esgotam, os veios secam e as escravas não mais mergulham os cabelos nos rios, para deixar que o ouro neles entranhe e se desprenda ao sol, sonhando o tempo da liberdade na compra da alforria.
É tempo de novos tempos.
Para os lados da Corte, nas encostas da Santa Teresa, nas matas da Tijuca, na trilha do interior da Província, o café se estende e se multiplica, sobe as montanhas e chega ao Vale. Ali, as chuvas são boas, as montanhas aparam os ventos, a terra ajuda e o café acaba por vencer engenhos, plantios de anil e algodão, criações de porcos.

É tempo de novos tempos.

Na São João del-Rey das Minas Gerais, alguns já partiram no rastro do novo filão. São eles os filhos de José Leite Ribeiro - minerador de ouro "com férteis fábricas de lavras mineiras" - e que agora enviam notícias ao irmão Custódio, já acostumado ao desbravamento de terras. Que também venha! O café é a nova realidade.
Custódio Ferreira Leite reúne os sobrinhos, os primeiros a usarem o sobrenome Teixeira Leite, e se despede da mineração em declínio.
E vem o José Eugênio, o Francisco José, o João Evangelista, o Antônio Carlos... o Joaquim não. Quando tiver idade vai é para São Paulo se fazer doutor.
É tempo de novos tempos.
Adquirir terras, que elas vão valer muito, plantar, trabalhar na abertura de estradas, levantar igrejas... E os Teixeira Leite se misturam às famílias antigas de sesmeiros, a outras também forasteiras e vão espalhando café, estradas, igrejas, que dão origem a vilarejos, vilas, cidades.
No início se dispersaram pela região. Em Mar de Espanha, nas matas mineiras, estão José Eugênio com a Fazenda Gironda e o Antônio Carlos com a Pântano. O Evangelista está em Barra Mansa, o Francisco José tem a sua Cachoeira

em Vassouras, enquanto Carlos e Custódio (com o tio) se dedicam ao comércio.
O tempo passa e a "irmandade dos Teixeira Leite", como os batiza o Visconde de Taunay, prospera na ciranda dos cafezais e acaba por deitar definitivas raízes em Vassouras, onde todos terminam se fixando, inclusive os velhos pais, Barões de Itambé, e o Joaquim já feito doutor.
Agora sim, estão todos juntos!

Novos tempos... novos horizontes...

O século já anda pelo meio. A região exporta um milhão e meio de arrobas por ano. O café sustenta os sonhos.
Os Teixeira Leite já não plantam.
Agora compram, financiam, comissionam a produção cafeeira do Vale, com casa de exportação, a "Teixeira Leite & Sobrinhos", assentada na Rua São Pedro, centro de comércio da Corte, enquanto em Vassouras a "Casa de Descontos" é crédito aberto aos fazendeiros da região. A "Irmandade" já possui o domínio do capital. E as idéias?
É preciso tirá-las do limbo onde vivem os sonhos, moldá-las em vida.
E lá estão os Teixeira Leite na recém-criada Câmara de Vassouras, no pleno exercício das idéias, influenciando os destinos do município, onde se destaca Joaquim, impressionando o Imperador, em visita às terras do Vale, pelo saber e elegância de atitudes.

São tempos de novos tempos...

A voz de Vassouras necessita ser ouvida na Corte. Afinal, não é das toneladas de café que exporta que a economia do Império se equilibra?
Joaquim faz-se deputado, exerce a função de 2º vice-presidente da Província e luta junto com os irmãos pelo sonho maior: a estrada de ferro. O café exige o escoamento rápido e seguro. É necessário que os trilhos, vencendo a mata, subam a serra e que, além dela, se bifurquem para Minas e

São Paulo. A "Irmandade" sabe que não há tempo a perder. Com a costumeira coragem para enfrentar desafios, financiam do próprio bolso a vinda de engenheiros para reconhecimento do terreno. O parecer é definitivo: "Se na Serra do Mar não for possível um desenvolvimento acessível às locomotivas, construiremos uma estrada de ferro atmosférica."

A luta é grande. Muitos acham a estrada inútil: "Construam: os trens carregarão no 1º dia do mês tudo o que há no interior para transportar e ficarão ociosos 29 dias", opina Bernardo Vasconcelos.

Mas nos novos tempos não há tempo para recuos e em 1855 o sonho se concretiza com a assinatura do contrato para construção "de um bom e sólido caminho de ferro". Cafeicultores, negociantes, capitalistas, políticos...

Título de Barão para o Francisco José, de Comendador para o Joaquim, para o Antônio Carlos, para o Evangelista.

Das lavras de São João ao império do café, mais de meio século de desbravamento e história.

Foram tempos...

O CAFÉ NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Vêm do Pará as primeiras mudas plantadas em território brasileiro, a partir de 1727. De início não alteram a fisionomia de um país que tem na extracão do ouro o alimento ideal para a Metrópole, enquanto a cana, o algodão e mesmo o tabaco complementam as exportações da Colônia.
Voltado muito mais para o consumo doméstico do que para o comércio, vai o café, durante o século XVIII, se alastrando por todas as regiões brasileiras, através de pequenas lavouras e incipiente participação no balanço comercial do país.
Plantar café não é fácil. É necessário tempo e considerável investimento para uma cultura exigente quanto a clima e solo, que leva de 3 a 4 anos para dar os primeiros frutos e que só atinge uma produção total por volta de 6 anos. Sem mercado garantido, aumentar a produção é temeridade a que ninguém se arrisca. Porém, a partir da 2ª metade do séc. XVIII, o interesse internacional pelo café começa a se acentuar, já que nos Estados Unidos e na Europa passa a ser servido na sobremesa, como artigo de luxo.
Paralelo ao surgimento de um mercado em ascensão, o Brasil vive a decadência das minas esgotadas e vê, no renascimento de uma grande monocultura, o caminho para saciar a Metrópole.
É a hora e a vez do café.
Embora plantado em larga extensão geográfica do território nacional, é nas regiões ao sul, particularmente na Província do Rio de Janeiro, que os cafeeiros irão encontrar condições favoráveis à sua expansão, já que as regiões ao norte, comprometidas com lavouras tradicionais, não arriscam uma plantação da qual possuem pouca experiência.
Localizados de início na Corte, em roçados nas encostas do Morro de Santa teresa, os cafeeiros vão ocupando outras áreas da cidade, até chegarem às matas da Tijuca, onde atingem produção considerável, com a implantação de fazendas de relativo porte.
Em princípios do séc. XIX o café já ocupa a serra que acompanha o litoral sul, chegando a Angra dos Reis e Paraty, enquanto outra vertente se interna pela província,

encontrando as terras que compõem o Vale do Rio Paraíba. Ali, as excelentes condições climáticas ao seu cultivo e o rico solo da Mata Atlântica propiciam as condições físicas necessárias ao desenvolvimento das plantações, enquanto o capital advindo da mineração assegura o oneroso investimento. A partir de Resende, as fazendas se multiplicam por toda a extensão do Vale, derrotando a Mata, engenhos, lavouras nativas, criações. Este crescimento pode ser observado em testamentos como nos relata Stanley Stein:

"A partir da virada do século em diante, o café apareceu nos inventários de fazendeiros falecidos sob diferentes denominações: primeiro como uma horta, depois como um pomar e mais tarde como um cafezal, quando os cafeeiros começaram a ser contados às centenas e aos milhares."

Do café nascem estradas, cidades, barões.

A nova aristocracia rural, na qual vão inserir-se os comissários de café, intermediários que financiam, compram e revendem a produção do Vale, possui voz ativa nas decisões do Império, poder que cresce à medida em que se avolumam as exportações.

Deixemos falar Ribeyrolles, viajante europeu, testemunha da Vassouras de então:

"Seus montes a 10 léguas em derredor têm sido devastados e queimados. Sob as cinzas que graças ao orvalho formam a seiva, plantou-se por toda a parte o arbusto oriundo da feliz Arábia. Quantas barras de ouro têm dado o pequeno fruto de duas e meia favas? Galeões repletos. E Vassouras as exporta hoje, cada ano mais de 1.000.000 de arrobas".

Arrobas que, provenientes do plantio desordenado no afã do lucro imediato, acabam esgotando as reservas naturais e acelerando o trabalho de erosão das encostas. A partir do 3° quartel do século XIX, as arrobas já não são tantas, a produção entra em processo de retração. É a decadência dos cafezais do Vale, indício da próxima falência de fazendeiros e comissários, já sem repaldo econômico para enfrentarem as mudanças na relação de uma sociedade liberta da escravidão.

Ainda em 1854, quatro anos depois do término do tráfico negreiro, alguns membros dessa aristocracia, entre eles Joaquim José Teixeira Leite, através de uma "Comissão Permanente para Fazendeiros de Vassouras", tentavam alertar para o futuro. Sugeriram que, aos poucos, fossem os fazendeiros inserindo colonos em suas terras, primeiro com a função de vigiar os escravos e aos poucos como núcleo que, crescendo, chegasse a substituí-los.
No entanto, o aconselhamento não foi aceito em sua integridade. Quando da Abolição, são contados,

N.

MAPPA DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇAO DO

ÉPOCAS.	RIO DE JANEIRO. @	£	MINAS. @	£	TOTAL. @	£	PREÇO MEDIO DO CAFÉ TRIBUTADO.	VALOR DESTA EXPORTAÇÃO.	PRODUCTO DE 1 POR 1/2 SENDO 90,97 DE CONTA DO RIO DE JANEIRO E 9,03 DE CONTA DE MINAS.	MUNICIPIO DA CORTE. @	£	S.
1852 1° semestre.	3,336,107	15	334,131	19	3,700,239	2	3427,63	12,683,067$850	507,322$714	1,643	1	5
» 2° »	4,169,737	11	413,902	22	4,583,640	1	3365,71	15,427,238$925	617,089$557	1,127	30	6
1853 1° »	3,290,777	...	326,654	1	3,617,431	1	3460,45	12,517,975$000	500,719$000	444	30	4
» 2° »	3,244,336	30	322,044	8	3,566,381	6	4068,03	14,508,179$175	580,327$167	396	19	5
1854 1° »	3,074,122	27	305,148	5	3,379,271	...	4051,44	13,690,946$950	547,637$878	510	20	5
» 2° »	4,914,428	18	487,823	10	5,402,251	28	3741,09	20,210,317$700	808,412$708	716	20	7
1855 1° »	4,559,128	3	452,554	31	5,011,683	2	3732	18,703,641$925	748,145$677	415	7	7
» 2° »	5,809,979	19	477,455	11	5,287,434	30	4048,37	21,405,539$375	856,221$575	256	1	8
1856 1° »	3,409,720	19	338,460	26	3,748,181	13	4233,06	15,866,298$825	634,651$953	600	24	5
» 2° »	5,192,337	20	515,419	18	5,707,757	6	3829,19	21,850,388$425	874,015$537	1,996	14	7
1857 1° »	4,561,703	22	452,810	20	5,014,514	10	4373,06	21,928,778$775	877,151$151	2,031	16	6
» 2° »	3,536,170	21	351,012	22	3,887,183	11	4882,76	18,980,197$825	759,207$913	1,027	20	6
1858 1° »	3,382,910	23	335,799	18	3,718,710	9	4037,58	15,014,622$800	600,584$912	3,195	2	5
» 2° »	4,210,349	14	417,934	1	4,628,283	15	4297,32	19,889,237$825	795,569$513	1,082	3	5
1859 1° »	3,714,060	29	368,670	23	4,082,731	20	4817,73	19,669,498$450	786,779$938	331	24	5
	59,435,871	15	5,899,822	11	65,335,693	26	4024,36	262,345,929$825	10,493,837$193	15,776	8	9,1

Do mappa acima resulta que a relação em que se acha a exportação do café pela mesa provincial do Rio de Janeiro para e

Provincias.	Termo medio. RM GENERO	RM PORCENTAGEM.	1852 1° SEMESTRE.	1852 2° SEMESTRE.	1853 1° SEMESTRE.	1853 2° SEMESTRE.	1854 1° SEMESTRE.	1854 2° SEMESTRE.
Rio de Janeiro	7,924,782	78,41	77,36	78,53	78,83	78,05	77,62	79,44
Minas	786,642	7,78	7,68	7,79	7,83	7,74	7,71	7,89
Municipio da Corte	2,102	0,03	0,04	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01
S. Paulo	1,226,184	12,13	13,73	12,26	11,96	12,81	13,46	11,58
Santa Catharina	120							
Bahia	25,982	0,26	0,32	0,12	0,27	0,15	0,33	0,05
Espirito-Santo	140,304	1,39	0,87	1,28	1,12	1,24	0,87	1,03
	10,106,116	100	100	100	100	100	100	100

Contadoria da directoria da fazenda da provincia do Rio de

Relatório da Assembléia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro - 1860

só na região de Vassouras, cerca de 35.000 escravos.
Para o país, a derrocada do café no Vale do Paraíba fluminense não repercute em sua balança comercial, já que o Oeste Paulista, a partir de Campinas, cultivando o produto desde o início do século XIX, possui em meados daquele século expressiva exportação e no seu final assume o posto de maior produtor do país.
A "terra roxa" orientará a marcha dos cafeeiros para o interior de São Paulo, mudando personagens e cenário da história do café em território nacional.

2.

CAFE NAS EPOCAS ABAIXO DECLARADAS.

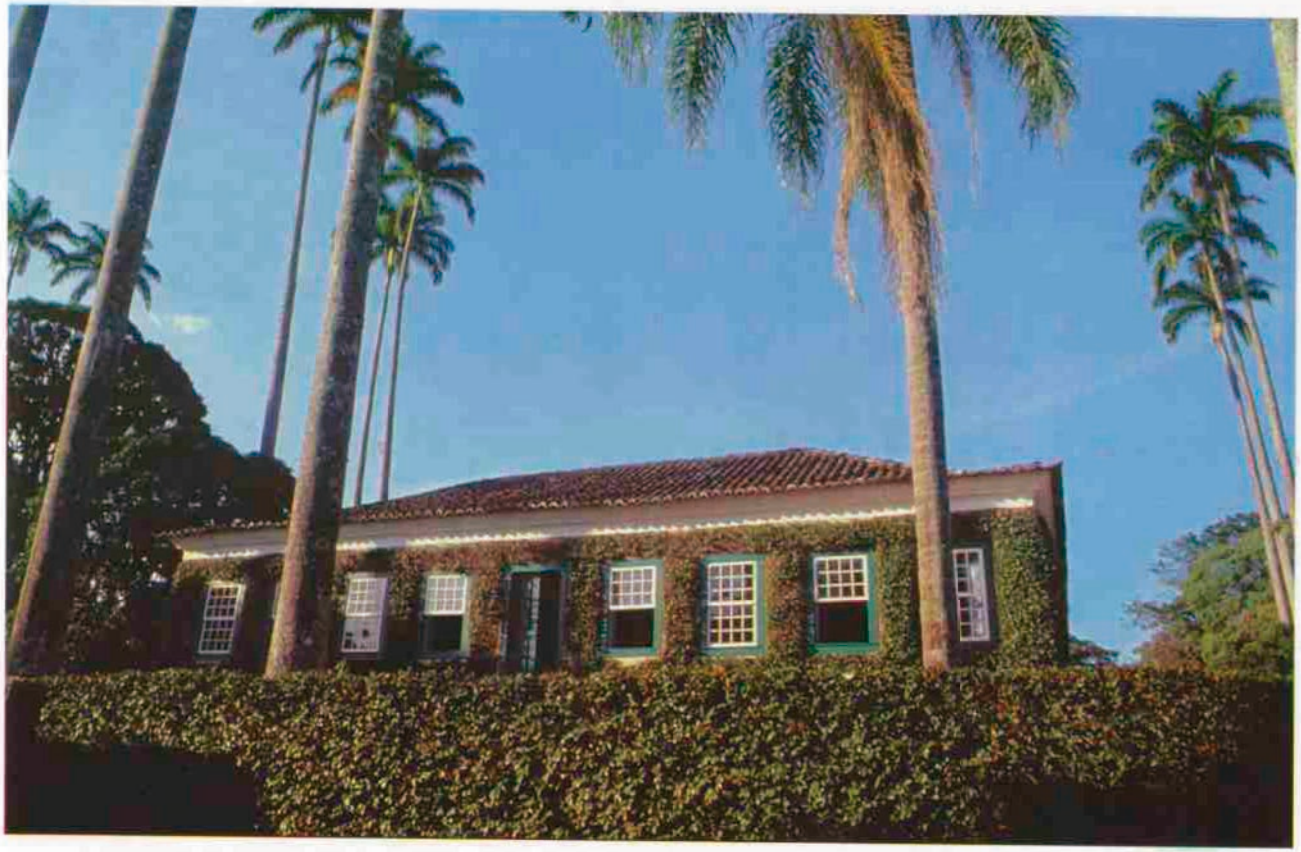
PAULO.		SANTA CATHARINA.		BAHIA		ESPIRITO SANTO.		TOTAL.		VALOR DESTA EXPORTAÇÃO PELOS MESMOS PREÇOS MEDIOS.	TOTAL GERAL DA EXPORTAÇÃO. EM GENEROS		IMPORTANCIA EM PAIS
₰	£	₰	£	₰	£	₰	£	₰	£		₰	£	
97.185	3	.....	...	13,996	16	37,999	...	650,833	20	2,230:816$870	4,351,072	22	14,913:884$720
36.743	5	.....	...	6,259	...	68,126	1	726,286	4	2,444:468$476	5,309,926	8	17,871:707$401
98.499	18	.....	...	11,173	...	46,675	15	536,792	31	1,926:754$241	4,174,224	...	14,444:729$241
93.143	8	.....	...	6,551	...	51,431	...	590,321	27	2,401:446$970	4,156,703	1	16,909:626$145
97.996	31	.....	...	13,205	16	54,303	...	581,016	5	2,353:951$842	3,960,287	3	16,044:889$792
16,342	8	.....	...	3,009	...	63,742	16	785,810	12	2,932:505$155	6,186,002	8	23,142:622$855
95.487	31	.....	...	15,814	...	51,632	18	786,949	24	2,936:896$467	5,798,632	26	21,640:538$392
42,939	3	.....	...	12,833	...	110,885	14	966,913	18	3,914:423$865	6,254,348	16	25,319:963$240
77,819	20	800	...	33,243	26	60,495	...	672,959	6	2,848:676$617	4,421,140	19	18,714:975$442
28,108	28	.....	...	17,437	...	117,386	12	859,928	22	3,291:919$333	6,567,685	28	25,142:307$758
88,263	3	.....	...	14,664	17	74,664	17	751,003	4	3,284:172$997	5,765,517	14	25,212:951$772
95,985	12	.....	...	7,070	...	93,835	11	795,916	11	3,886:260$648	4,683,099	22	22,866:488$473
76,921	22	100	...	12,764	...	28,491	23	420,472	16	1,697:655$659	4,139,182	25	16,712:278$459
18,851	23	.....	...	9,902	...	115,484	2	675,319	28	2,902:061$845	5,303,603	11	22,791:299$670
26,086	25	.....	...	20,132	16	97,126	24	641,677	25	3,091:426$533	4,724,409	13	22,760:924$983
96,382	16	900	...	194,865	10	1,052,278	25	10,460,201	27	42,143:227$518	75,795,895	21	304,489:157$343

ada uma das provincias productoras abaixo designadas é a que se vê do seguinte quadro.

1855		1856		1857		1858		1859
1° SEMESTRE.	2° SEMESTRE.	1° SEMESTRE.	2° SEMESTRE.	1° SEMESTRE.	2° SEMESTRE.	1° SEMESTRE.	2° SEMESTRE.	1° SEMESTRE.
78,62	76,90	77,12	79,06	79,12	75,50	81,73	79,39	78,62
7,80	7,64	7,66	7,85	7,85	7,49	8,11	7,88	7,80
0,01	0,01	0,01	0,03	0,04	0,02	0,08	0,02	0,00
12,41	13,47	13,08	11,01	11,49	14,84	9,08	10,35	11,10
.....	.....	0,01	.....	.....	.....	.....	.....	0,00
0,27	0,21	0,75	0,26	0,21	0,15	0,31	0,18	0,42
0,89	1,77	1,37	1,79	1,29	2,00	0,69	2,18	2,06
100	100	100	100	100	100	100	100	100

Janeiro, 2 de julho de 1859.

A CASA E SEU ACERVO



Embora não se conheça o período exato de sua construção, podemos situá-la na primeira metade do século XIX, conforme planta da cidade datada de 1836. Ali ela já aparece ao lado dos primeiros prédios da Vila, que vai crescendo no entusiasmo dos fazendeiros de café.

Situada no alto de uma colina e edificada em centro de chácara, tem em seu jeito despojado a simplicidade das casas mineiras.

Assentadas sobre baldrame de pedra, as paredes de pau-a-pique e adobe vão delineando os cômodos, onde 62 janelas, com vidraças em guilhotina, vão se abrir para a chácara e o pátio interno. É ele que servirá de divisor para a simetria das alas que irão definir o universo familiar: uma ala para os negócios, outra para a intimidade e uma terceira voltada para o social. É com Joaquim José Teixeira Leite, seu morador a partir da década de 40 e um dos personagens centrais da história do café em terras fluminenses, que a Casa passa a sofrer alterações que acompanham a ascensão político-financeira de seu proprietário.

Embora mantendo a rusticidade de sua construção, ela vai, em seu interior, deixando os ares bucólicos e ganhando elementos da elegância neoclássica influenciada pelos hábitos da Corte.

As paredes terão pintura decorativa e papéis importados da França. As almofadas externas das janelas dos Salões receberão elementos decorativos a ouro, fato considerado inédito nos imóveis da época.

O neo-rococó, inspirado nos Luízes, irá delinear curvas e florões no mobiliário francês que passa a compor o espaço social. A Regência e o Império dominarão algumas vezes, através da marcenaria nacional, o mobiliário dos demais cômodos, iluminados em seu conjunto por arandelas, onde as mangas em cristal têm como procedência a Boêmia e a França.

O requinte decorativo desta residência senhorial da época cafeeira, sua biblioteca com cerca de 1.000 volumes e 3.000 periódicos, basicamente europeus,

a indumentária familiar assinada por mestres da alta-costura francesa, traduzem um dos mais representativos documentos sobre a posição ocupada na economia cafeeira por aqueles que, fora das fazendas, detinham o poder do capital.
É como testemunho desta memória que a Casa adquire o esteio histórico que a transformará em Museu, conservando a interação prédio e acervo.

A HISTÓRIA

Em 1843 casa-se Joaquim José com Ana Esméria, filha de Laureano Corrêa e Castro, futuro Barão do Campo Belo, um dos maiores cafeicultores da região.
Do casal, duas filhas: Francisca Bernardina, nascida em 1845, e Eufrásia, em 1850.
É em sua Chácara de Vassouras que a família vive a época áurea do café, inserindo-se na nova aristocracia composta pelos que plantam e comercializam o produto, destaque absoluto na balança comercial do país.
Assim, torna-se a Casa anfitriã de personagens ilustres, palco de decisões. Ali se discutem finanças, política, os caminhos do país, o jogo do poder. É nela que crescem as filhas e com elas a vida social. Salões abertos na movimentada Vassouras do 3° quartel do século XIX, conforme atesta Joaquim em carta ao Conselheiro Belisário, datada de 1865: " Diga a Chiquinha que não he só no Botafogo que se diverte a gente: as moças aqui tem se regalado de saraus."
Anos 70. Profundas mudanças na casa da chácara. O café começa a mostrar os primeiros sinais de decadência, prenúncio de seu colapso nas décadas seguintes, em terras da Província.
Paralelamente morrem Ana Esméria, em 71, e Joaquim, em 72. As filhas percebem o fim de uma época e decidem deixar o Brasil. É a bordo do vapor "Chimborazo" que partem para a França em 1873, onde passam a residir. Chiquinha até a morte, ocorrida em 1899, e Eufrásia até a velhice.

Na chácara, o silêncio e a penumbra, quebrados vez por outra pelas mãos zelosas de caseiros. Da França, o controle permanente, como nos confirma a correspondência entre Eufrásia e Manuel da Silva Rebelo, que cuidou da Casa por 36 anos. É com ele, em 1887, que é plantada a hera, que aos poucos vai cobrindo as paredes caiadas e que acabará por identificar a Casa no futuro.

Século XX. Anos 20. Eufrásia, agora herdeira única e já com mais de 70 anos, recomeça a freqüentar a chácara, passando ali temporadas de um, dois ou três anos, sempre acompanhada da velha mucama Cecília, de francês afiado e dedicação total.

Talvez, nesse reencontro com um mundo de meio século atrás é que Eufrásia tenha decidido o destino da Casa da Hera como documento para o futuro, pois, além de uma ou outra intervenção menor, não descaracteriza o imóvel como residência do séc. XIX. O conforto da água encanada, da luz elétrica, do banheiro moderno, fica para seu palacete em Paris, que vai com ela acompanhando mudanças, modas, modismos. A Casa da Hera, esta permanece vencendo o próprio tempo. Em 1930, aos 80 anos, morre Eufrásia no Rio, em um apartamento da Ladeira da Glória.

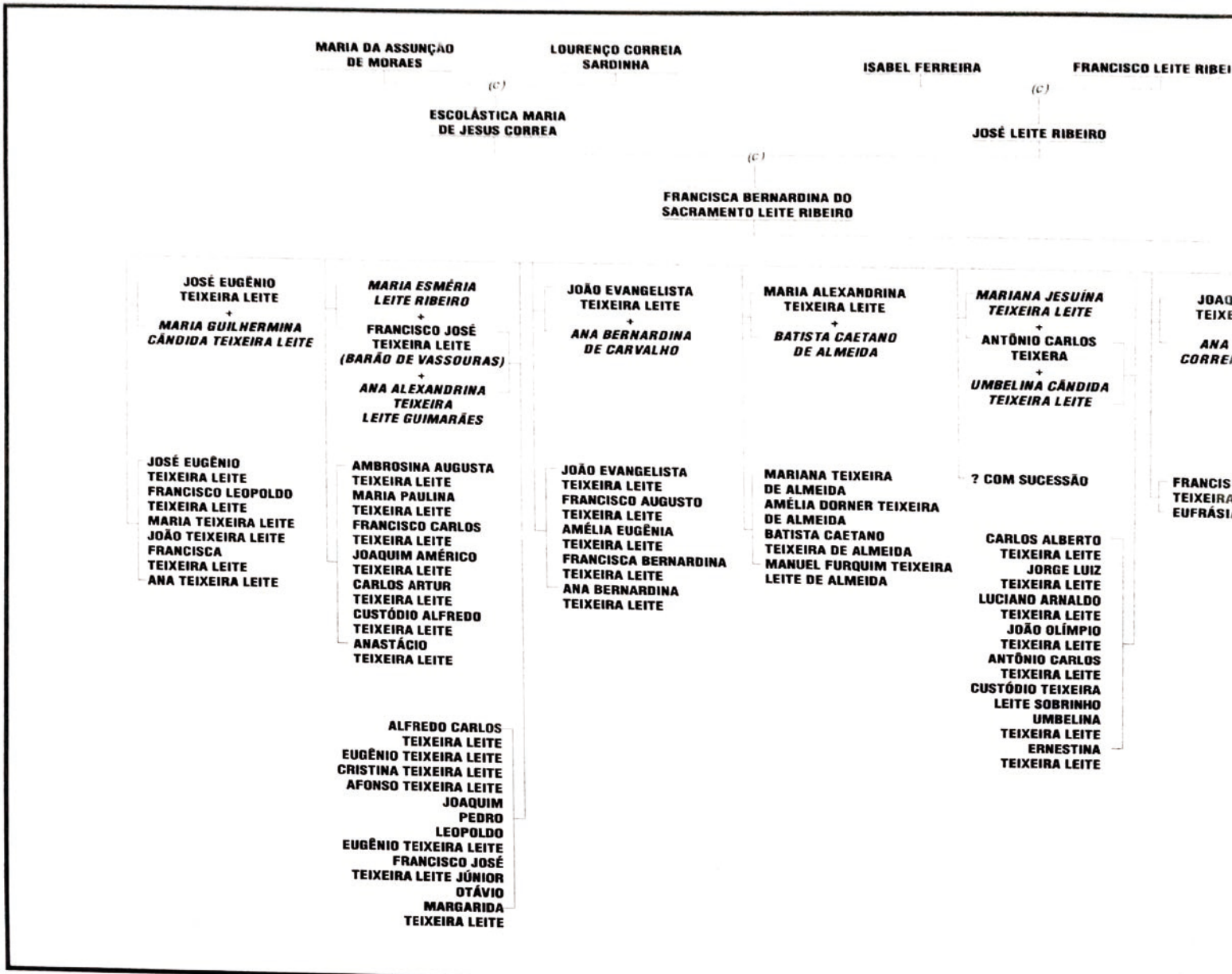
Testamento aberto, são contempladas as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus, proprietárias então do Colégio Regina Coeli no Rio, com o imóvel e todo o seu conteúdo.

Como cláusula testamentária, a manutenção da integridade da Casa e seus objetos, bem como sua indissolubilidade.

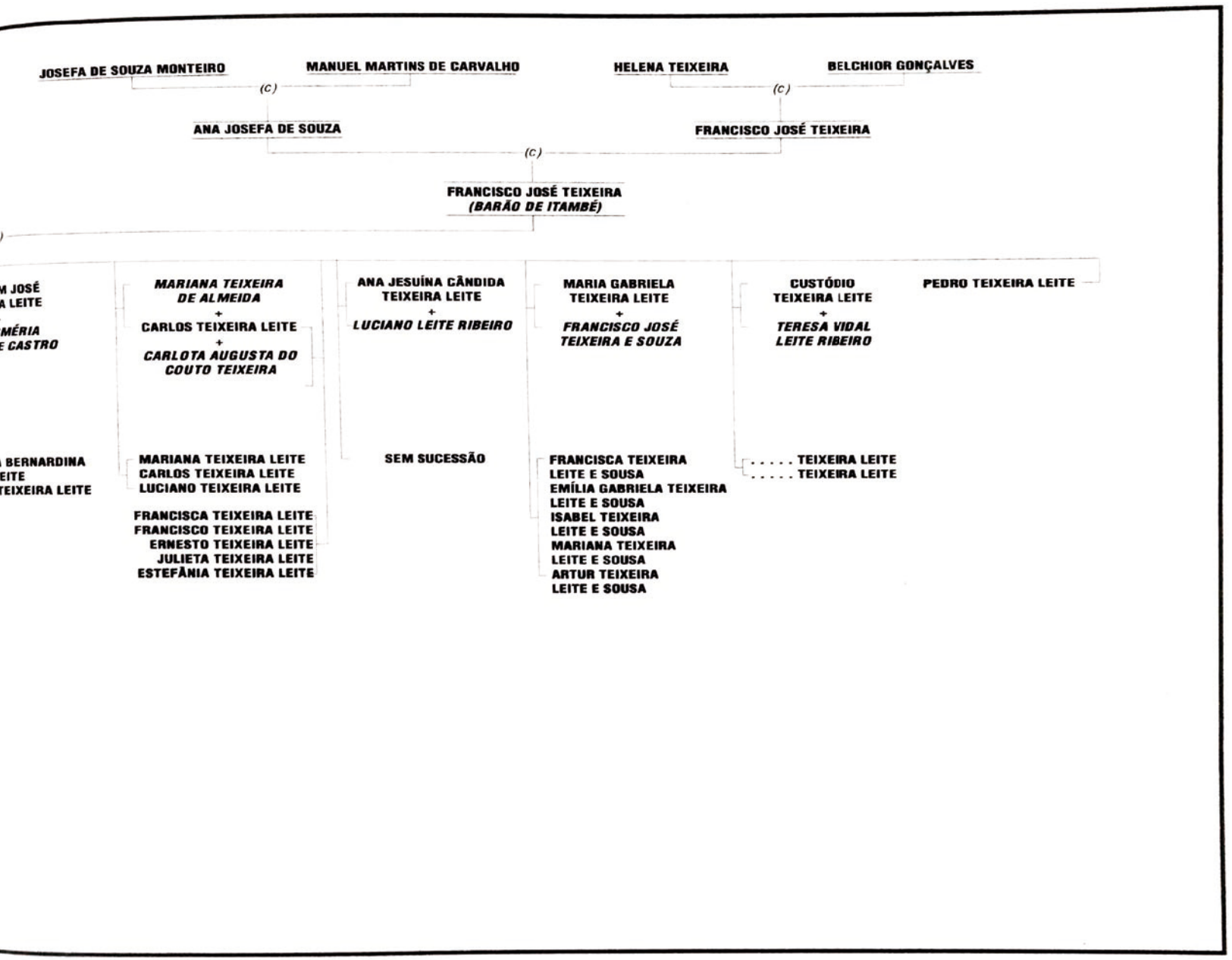
Na década de 50 este conjunto passa a constar da lista dos bens tombados no país e o Patrimônio acaba por assumi-lo em 1965, por assinatura de convênio de caráter permanente entre as herdeiras e o referido órgão público federal.

Com a guarda e o controle do Museu, vem o Patrimônio, desde então, investindo em sua recuperação e manutenção, através da 6ª Coordenação Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

GENEALOGIA

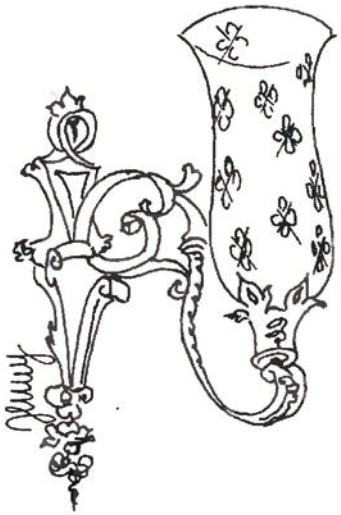

MARIA DA ASSUNÇÃO DE MORAES
LOURENÇO CORREIA SARDINHA
(c)
ESCOLÁSTICA MARIA DE JESUS CORREA
ISABEL FERREIRA
FRANCISCO LEITE RIBEI
(c)
JOSÉ LEITE RIBEIRO
(c)
FRANCISCA BERNARDINA DO SACRAMENTO LEITE RIBEIRO
JOSÉ EUGÊNIO TEIXEIRA LEITE
+
MARIA GUILHERMINA CÂNDIDA TEIXEIRA LEITE
MARIA ESMÉRIA LEITE RIBEIRO
+
FRANCISCO JOSÉ TEIXEIRA LEITE (BARÃO DE VASSOURAS)
+
ANA ALEXANDRINA TEIXEIRA LEITE GUIMARÃES
JOÃO EVANGELISTA TEIXEIRA LEITE
+
ANA BERNARDINA DE CARVALHO
MARIA ALEXANDRINA TEIXEIRA LEITE
+
BATISTA CAETANO DE ALMEIDA
MARIANA JESUÍNA TEIXEIRA LEITE
+
ANTÔNIO CARLOS TEIXERA
+
UMBELINA CÂNDIDA TEIXEIRA LEITE
JOAQ
TEIXE
ANA
CORRE
JOSÉ EUGÊNIO TEIXEIRA LEITE
FRANCISCO LEOPOLDO TEIXEIRA LEITE
MARIA TEIXEIRA LEITE
JOÃO TEIXEIRA LEITE
FRANCISCA TEIXEIRA LEITE
ANA TEIXEIRA LEITE
AMBROSINA AUGUSTA TEIXEIRA LEITE
MARIA PAULINA TEIXEIRA LEITE
FRANCISCO CARLOS TEIXEIRA LEITE
JOAQUIM AMÉRICO TEIXEIRA LEITE
CARLOS ARTUR TEIXEIRA LEITE
CUSTÓDIO ALFREDO TEIXEIRA LEITE
ANASTÁCIO TEIXEIRA LEITE
ALFREDO CARLOS TEIXEIRA LEITE
EUGÊNIO TEIXEIRA LEITE
CRISTINA TEIXEIRA LEITE
AFONSO TEIXEIRA LEITE
JOAQUIM
PEDRO
LEOPOLDO
EUGÊNIO TEIXEIRA LEITE
FRANCISCO JOSÉ TEIXEIRA LEITE JÚNIOR
OTÁVIO
MARGARIDA TEIXEIRA LEITE
JOÃO EVANGELISTA TEIXEIRA LEITE
FRANCISCO AUGUSTO TEIXEIRA LEITE
AMÉLIA EUGÊNIA TEIXEIRA LEITE
FRANCISCA BERNARDINA TEIXEIRA LEITE
ANA BERNARDINA TEIXEIRA LEITE
MARIANA TEIXEIRA DE ALMEIDA
AMÉLIA DORNER TEIXEIRA DE ALMEIDA
BATISTA CAETANO TEIXEIRA DE ALMEIDA
MANUEL FURQUIM TEIXEIRA LEITE DE ALMEIDA
? COM SUCESSÃO
CARLOS ALBERTO TEIXEIRA LEITE
JORGE LUIZ TEIXEIRA LEITE
LUCIANO ARNALDO TEIXEIRA LEITE
JOÃO OLÍMPIO TEIXEIRA LEITE
ANTÔNIO CARLOS TEIXEIRA LEITE
CUSTÓDIO TEIXEIRA LEITE SOBRINHO
UMBELINA TEIXEIRA LEITE
ERNESTINA TEIXEIRA LEITE
FRANCIS
TEIXEIRA
EUFRÁSI

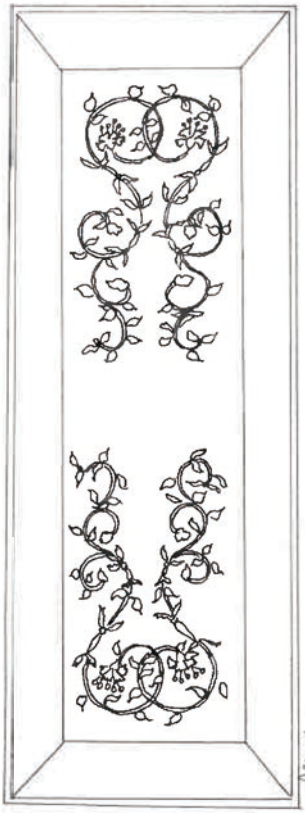
BIBLIOTECA IPHAN



A RESIDÊNCIA

São três alas
Três momentos
E as arrobas de café





Jogar audácia e prudência
Manter o cenário, o Império, o sistema

O TRABALHO

No vestíbulo começa o circuito de visitação da Casa.
Ele dá acesso às três áreas que compõem a residência:
trabalho, íntima e social.
O espaço de trabalho é composto pelo salão comercial,
escritório e alcovas, onde agentes comerciais, fazendeiros,
políticos e demais envolvidos com o universo
do café eram recebidos e hospedados por ocasião de suas
viagens de negócios.

Salão comercial:
Mobiliário: jacarandá e palhinha
Origem: França, séc. XIX





Acima, salão comercial:
Papel de parede recuperado
Origem: França
Decoração: folhas de café

Arandelas, elemento constante na Casa
Apliques: bronze
Mangas: cristal da Boêmia

À direita, alcova



Mesa central
Decoração: neo-rococó





Aspecto do escritório

Marcenaria nacional e cartografia da primeira metade do século XIX
Em destaque, escrivaninha em jacarandá
103 x 133 x 192 x 86 cm

Joaquim José Teixeira Leite
Óleo sobre tela, séc. XIX
Autor: Castan TC
Origem: Brasil
129 x 95 cm



Nascido em 1812, na cidade de São João del-Rei, e falecido em 1872, na cidade do Rio de Janeiro.
Figura marcante da economia cafeeira, ocupou vários cargos públicos e liderou movimentos que visavam à modernidade das relações empresariais.



Ana Esméria Teixeira Leite
Óleo sobre tela, séc. XIX
Autor desconhecido
Origem: Brasil
58 x 47 cm

Nascida em 1827 e falecida em 1871.
Filha de Laureano Correa e Castro, Barão de Campo Belo, um dos maiores cafeicultores locais, com participação ativa na política do município.
Em 1843, no oratório da Fazenda S. Gonçalo, casa-se com Joaquim José Teixeira Leite. Esta união fortalecerá o poder da família, já que marca o encontro do capital financeiro com o capital agrícola. Do casamento, duas filhas: Francisca Bernardina e Eufrásia.



A INTIMIDADE

Em primeiro plano:
Tailleur "d'anglais", seda
Assinado: Francis et Co. Rue Aubert,
Paris - Séc. XIX
Alt. saia: 120 cm; Alt. casaco: 41 cm

Ao fundo:
Capa em lã marfim, barra em filó, aplicações de renda guipura e bordado, franjas em linha de seda
Assinado: Whort Alt.: 73 cm

Senhores e Sinhás
Manso estar

Da área comercial penetra-se no mundo familiar, através do extenso corredor de acesso aos cômodos que representam o modo de ser e estar de seus moradores.
Composto pelos quartos, os primeiros destinados, hoje, à guarda e exposição de parte do acervo de indumentária, a biblioteca, que abriga precioso acervo do século XIX, a sala de jantar e, por fim, os demais dormitórios ao lado da copa.





Detalhe

Casaco 3/4 tipo "pardessus" em renda guipura e veludo
Alt.: 97 cm
Manga: 76 cm

A indumentária feminina do Museu Casa da Hera data, em sua maioria, do final do século XIX e é de origem predominantemente francesa.
É composta por trajes para o dia (conjuntos para passeio, para montaria) e para a noite (trajes de festas e de dormir), com seus acessórios (leques, sombrinhas, sapatos, chapéus), ilustrando momentos sociais e íntimos. Alguns trazem a assinatura de mestres da alta-costura, como Francis et Co., Felix Brevete, Rouff e o famoso Whort, que, com o apoio da Rainha Eugênia da França, derrotou as saias balão, inaugurando um período de sóbria elegância na vestimenta feminina.



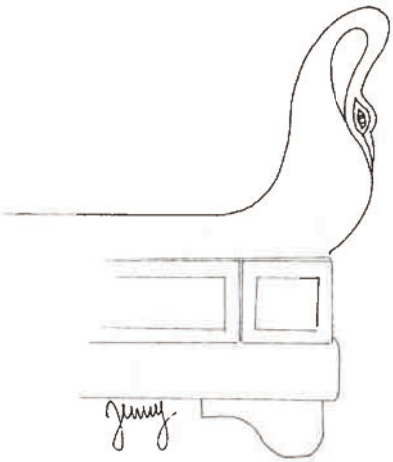
Vestido de baile em veludo
Origem: França, séc. XX
Alt.: 183 cm
Busto: 85 cm
Cintura: 70 cm
Leque com penas de avestruz
Origem: Brasil, séc. XIX
Doação: Dinirah Elisa F. Neves de Mello



Vestido de baile, renda
Origem: França, séc. XIX
Alt.: 92 cm
Busto: 78 cm
Cintura: 75 cm



Dormitório
Cama em vinhático, estilo
Império Brasileiro, 1ª met. do séc. XIX
115 x 212 x 137 cm
Sobre a cama, colcha em seda
adamascada, de 1869
Doação: Dinirah Elisa F. Neves de Mello



Detalhe da cabeça de cisne,
cabeceira e respaldo

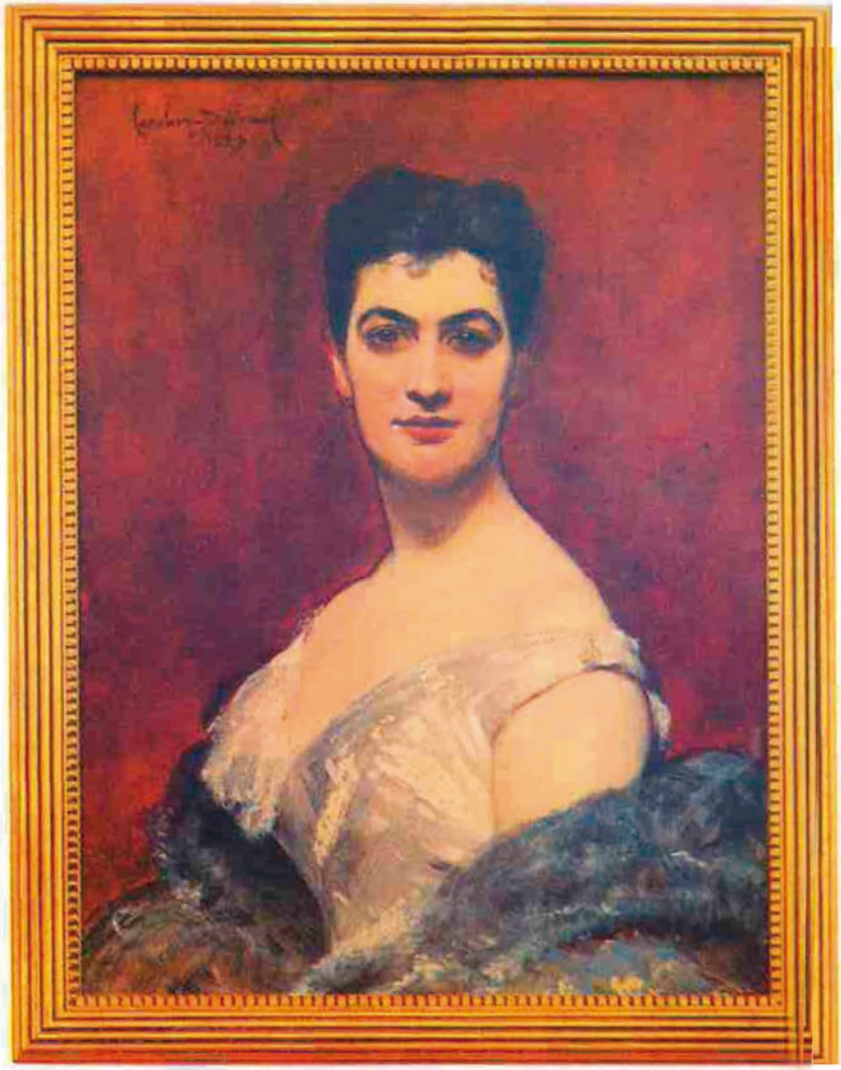




Porta-terço: madrepérola e metal
dourado, séc. XIX
Alt.: 22 cm



Penteadeira
Origem: Europa, 1ª met. séc. XIX
147 x 185 x 50 x 45 cm



Eufrásia Teixeira Leite
Óleo sobre tela
Origem: França, 1887
Autor: Lawlis Duray
82 x 63 cm

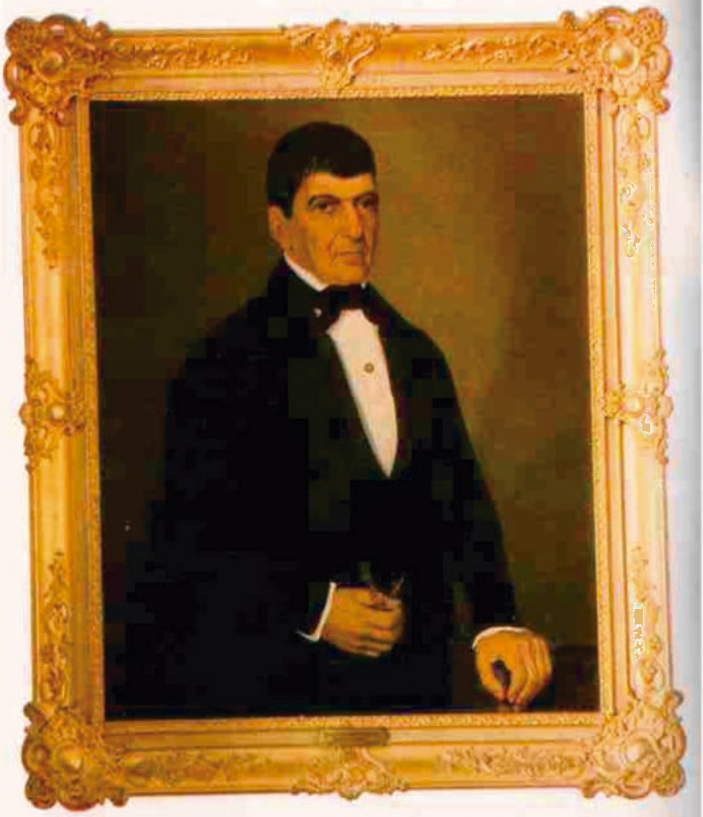
Aos 23 anos, órfã e dona de considerável fortuna, embarcou de vez para a Europa, com sua irmã Chiquinha, em um gesto de rebeldia que abalou a família. Em Paris viveu sua independência. Como o pai, entrou para o mundo dos negócios, tornando-se acionista de empresas de diferentes países. Freqüentou a aristocracia francesa, ganhou uma legião de admiradores e amou Joaquim Nabuco. Nos seus 80 anos de vida, conheceu o mundo e viu as profundas transformações dos caminhos da História. Viveu a Primeira Guerra e não perdoou as destruições causadas por ela: "... é triste que a guerra, que é somente feita para destruir o inimigo, destrua também os monumentos sem nenhuma necessidade."
Sensível ao que o tempo e as guerras fazem à memória dos povos, manteve íntegra a Casa que exemplifica um período histórico do país e, por testamento, garantiu sua permanência para o futuro.
Entre a lenda e a realidade, "la bresilièn ne", como a identificavam os franceses, vive com seu mistério e ousadia na memória de Vassouras e na curiosidade de quem visita a chácara de sua juventude.



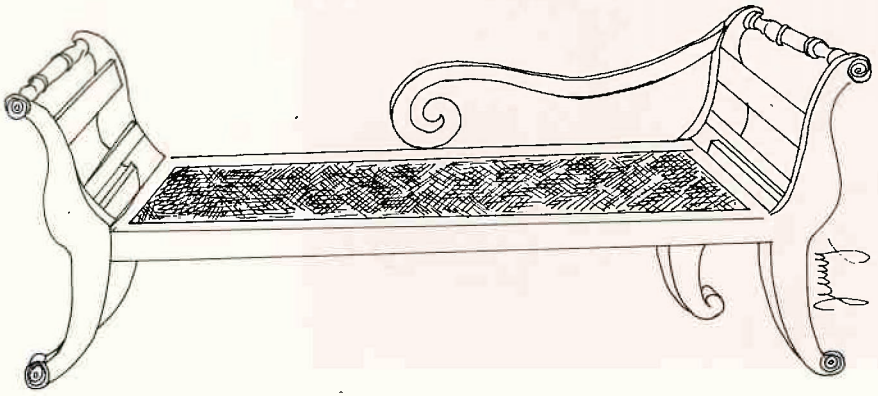
Biblioteca
Ao fundo:
Armário-estante, jacarandá e cristal
Origem: Brasil, 1ª met. séc. XIX

Acervo: livros, periódicos
Origem: diversas, destacando França, Inglaterra e Brasil, séc. XIX

Francisco José Teixeira
Barão de Itambé
Óleo sobre tela
Origem: Brasil, séc. XIX
Autor: desconhecido
98 x 79 cm



Preguiceiro: jacarandá com palhinha,
estilo Império brasileiro
1ª met. séc. XIX
222 x 179 x 58 x 44 cm





Francisca Bernardina Leite Ribeiro
Baronesa de Itambé
Óleo sobre tela
Origem: Brasil, séc. XIX
Autor: desconhecido
98 x 79 cm



Sala de jantar, vista parcial
Ao fundo:
Armário-cristaleira
Origem: Brasil, 1ª met. séc. XIX

Relógio
Origem: Europa, Séc. XIX
sem marca
76 x 63 cm





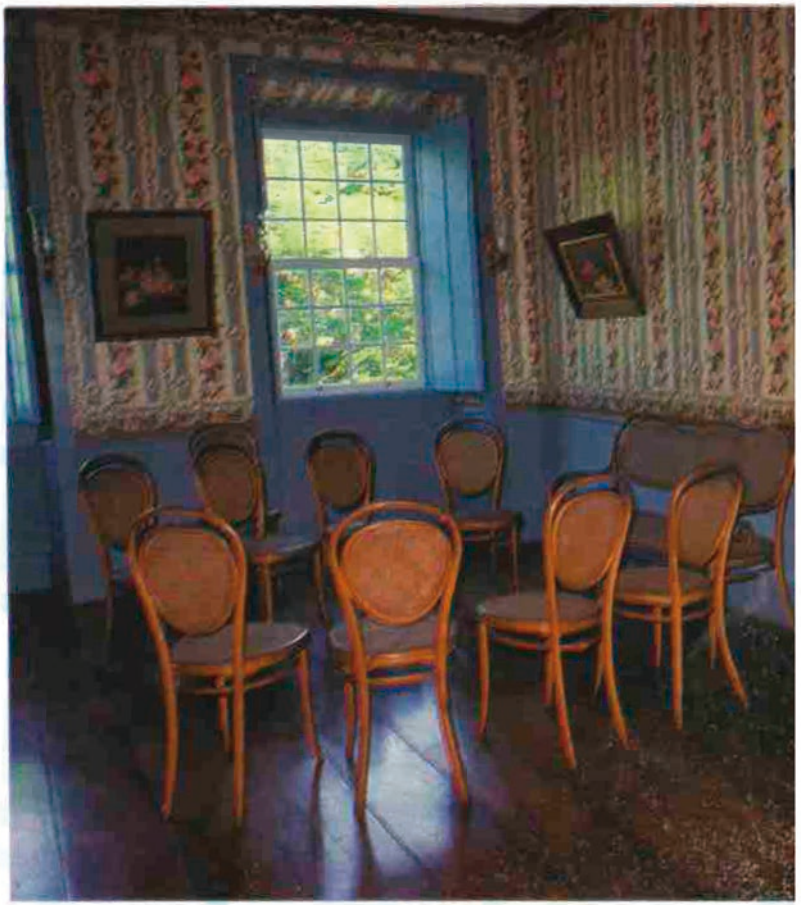
Fruteira
Detalhe decorativo

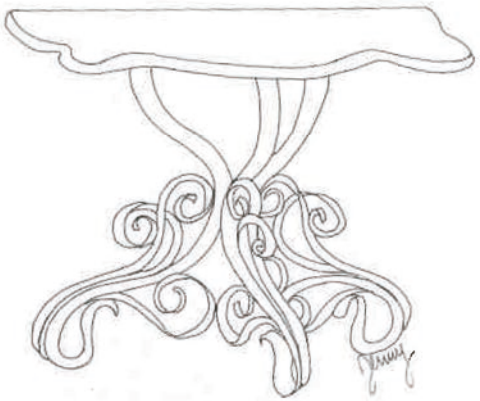
Cremeira, parte do aparelho de jantar, porcelana francesa, monogramado, com bordas e frisos dourados
Ao centro:
Pequena bandeja para biscoitos
1ª met. séc. XIX
Sem marca
Base: 33 x 14 x 46 cm
Altura: 9 cm



O estilo austríaco surgiu em 1851 quando Michael Thonet apresentou em Viena uma nova proposta para o mobiliário, que consistia no encurvamento da madeira, técnica que vinha desenvolvendo há vários anos.
A leveza e o baixo custo de seus móveis obtiveram grande aceitação, o que o levou, a partir de 1860, à produção industrial.
O conjunto encontrado na Casa da Hera tem suas peças assinadas por Gebruder Thonet, filho de Michael e continuador de sua obra.

Conjunto Thonet
Faia e palhinha
Final do séc. XIX
Autor: Gebruder Thonet





Detalhe do aparador Gebruder Thonet

Dormitório
Cama em vinhático
1ª met. séc. XIX
106 x 212 x 146 cm

Papel de parede colocado por Eufrásia
por volta de 1928



O MUNDO DOS SERVIÇOS

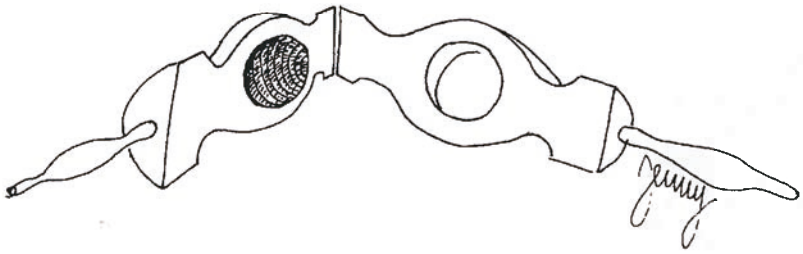
Tem cheiro de África
Vozes na surdina
Quem sabe... um dia?

Cozinha
Fogão a lenha
Com inscrição: "1866 - Jacinto A. Barbosa"





Moedor de café
séc. XIX
Base: 11 x 17 cm
Recipiente: 34 x 23 cm



Espremedor de limão, madeira, parte convexa em metal



Destilador de chá, porcelana e cristal
Origem: Europa, séc. XIX
26 x 27 cm



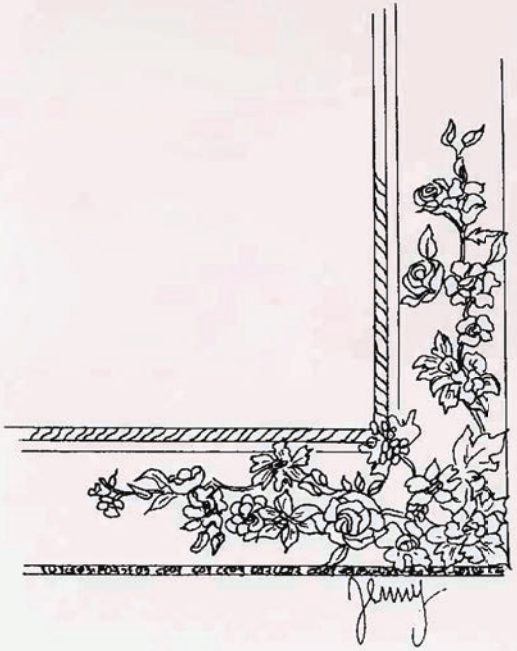
Farinheira, madeira entalhada
Séc. XIX
Autor: Carlos Spangenberg
Altura: 18,5 cm

Entalhador especializado em objetos decorativos em madeira, Carlos Spangenberg chegou ao Brasil em 1844, tendo trabalhado nas obras do Palácio Imperial de Petrópolis.
Ganhou fama como fabricante de bengalas, tendo entre seus fregueses o Imperador D. Pedro II, que as oferecia como presente à nobreza européia.
Participou de várias exposições no Brasil e no Exterior, tendo sido premiado em Londres e Paris.

EM SOCIEDADE

Coqueteria
Genealogia
Valsas e minuetos
Sob as velas do grande lustre
Invejas, namoros, acertos

O espaço social é atingido através de pequeno corredor que, partindo da copa, nos conduz ao luxo dos salões de receber. Ali entrando, mergulhamos na França do século XIX e testemunhamos o brilho da Vassouras de então. Composto pela Sala de Música e de Recepções, este espaço finaliza o circuito da Casa, indo ao encontro do vestíbulo, por onde entramos.
O gosto pela cópia dos móveis antigos desenvolve-se na Europa em meados do séc. XIX. "Como uma interpretação industrial dos estilos Luís XV e Luís XVI", surge o neo-rococó a partir do período Luís Felipe.



Moldura de espelho em madeira, gesso e estuque, decoração a folha de ouro e fogo



Salão de Música
Piano
Autor: Henri Herz, medalha de ouro na França
Séc. XIX
90 x 262 x 74 x 143 cm



Lustre: opalina, cristal e bronze
Origem: França, séc. XIX
150 x 90 cm



Salão de recepção
Mobiliário: carvalho e palhinha,
estilo Luís Felipe
Origem: França, 2ª met. séc. XIX

Ao fundo:
Aparadores em vinhático
e mármore, estilo Luís Felipe
Espelhos em cristal



Donzela
Cristal lavrado
58 x 21 x 79 cm



Sofá: detalhe da moldura
do encosto em elementos florais



Escarradeira: porcelana branca pintada
Origem: França, séc. XIX
8 x 21 x 17 cm

"QUEM VOLTA AO LUGAR PERDIDO QUER VER O TEMPO"

Orides Fontela

O ano é o de 1887. O país anda agitado.
As campanhas abolicionistas espocam por toda parte e os republicanos assustam a velha monarquia.
O Vale está com medo.
As safras diminuindo, as falências crescendo, a febre amarela rondando e a escravidão por um fio.
Muitos ainda se lembram do aconselhamento do Dr. Joaquim José Teixeira Leite, sugerindo a substituição de escravos por colonos.
"A escravidão é questão de tempo, quer os senhores queiram ou não."
Não acreditaram. Arrependem-se.
Na Corte, a vida social continua intensa e discute-se na Ouvidor, ou nos salões, a novidade da luz elétrica que começa a chegar às ruas.
Na casa dos Haritoff hospeda-se o Arquiduque da Rússia e Sara Bernard ainda é comentada por sua "Dama das Camélias", no Teatro São Pedro.
Nabuco amarga sua derrota nas eleições de 85 e Eufrásia, na França, amarga a derrota de seu romance com Nabuco.
Tudo isso é motivo de conversa na Casa de Eufrásia, durante o Chá que, de maio a outubro, acontece sempre no último sábado de cada mês, em torno do fogão a lenha.
É à luz de velas que a personagem Conceição de Andrade Pinto, amiga de Eufrásia, comenta o emocionante momento em que vive e para o qual conduz seus convidados que, entre manuês e compotas, embarcam nesta máquina do tempo.





O Chá Imperial revive momentos de época no Museu Casa da Hera

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO - 1855 A 1869 - Eduardo e Henrique Laemmert, Rio de Janeiro.

ANNAIS DO PARLAMENTO BRASILEIRO, *Câmara dos Srs. Deputados,* 1857 a 1860 - 1º tomo, Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp.

CANTI, Tilde, *O MÓVEL DO SÉCULO XIX NO BRASIL,* Cândido Guinle de Paula Machado, Rio de Janeiro, 1989

FERREZ, Gilberto, *PIONEIROS DA CULTURA DO CAFÉ NA ERA DA INDEPENDÊNCIA,* Biblioteca do Sesquicentenário, vol. 10, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1972.

LAMEGO, Alberto, *"O HOMEM E A SERRA",* Rio de Janeiro, RJ, Col. Setores da Evolução Fluminense IV, IBGE, 1950.

PRADO JUNIOR, Caio, *HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL,* 24ª Edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1980.

RAPOSO, Ignácio, *"HISTÓRIA DE VASSOURAS",* Vassouras, Fundação 1º de Maio, 1935.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO, *Dr. Ignácio Francisco Silveira da Motta,* 1859, Typographia da Pátria, de Moura & Miranda.

RIBEYROLLES, Charles, *"BRASIL PITORESCO",* Biblioteca Histórica Brasileira, vol. II, Livraria Martins Editora/INL-MEC, São Paulo, SP, 1976.

SILVA TELLES, Augusto Carlos da, *"VASSOURAS, ESTUDO DA CONSTRUÇÃO RESIDENCIAL URBANA",* in Separata da Revista do IPHAN, Rio de Janeiro, RJ, 1968.

STEIN, J. Stanley, *"VASSOURAS, UM MUNICÍPIO BRASILEIRO DO CAFÉ, 1850-1900",* tradução de Vera Block Wrobel, Rio de Janeiro, RJ, Ed. Nova Fronteira, 1980.

FICHAS TÉCNICAS - Museu Casa da Hera.

ACERVO DOCUMENTAL - Museu Casa da Hera.

MUSEU CASA DA HERA
RUA DR. FERNANDES JUNIOR, 160 - VASSOURAS (RJ)
TEL.: (0244) 71-2342 - 71-2144
CEP 27700-000

EQUIPE EDITORIAL

PROJETO:
ANA MARIA LEAL ALMEIDA
ELY GONÇALVES
ISABEL ROCHA FERREIRA
JENNY BARROSO

COORDENAÇÃO E TEXTOS:
ELY GONÇALVES

FOTOGRAFIAS:
OCTALES GONZALES

DESENHOS:
JENNY BARROSO

PROJETO VISUAL, DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA:
OSWALDO ULHOA

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO DE TEXTO:
SYLVIO CLEMENTE DA MOTTA

SUPERVISÃO:
MARIA HELENA BIANCHINI

EDIÇÃO:
RODNEY DIAS RIBEIRO

REALIZAÇÃO:
ASSESSORIA DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DA 6ª CR/IPHAN

APOIO:
ALMIR DOS SANTOS OLIVEIRA
GLÓRIA SOARES DA COSTA
ISABEL ROCHA FERREIRA
KÁTIA LÚCIA TEIXEIRA VALENTE
MARYLIA GOMES DIAS
MARIA ROSA DOS SANTOS CORREIA

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:
ANGELA MARIA DUHA

Nossos agradecimentos a todos aqueles que passaram por esta Casa e que costurando os rasgos do tempo nos permitiram remontá-lo



BRASIL

GOVERNO FEDERAL